

J. R. Ward

NA SOMBRA DO PERIGO

*Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume IX*

Tradução
Luís Santos

Capítulo 1



PRESENTE

HIPÓDROMO AQUEDUCT, QUEENS, NOVA IORQUE

— **Q**uero fazer-te um broche.
O doutor Manny Manello virou a cabeça para a direita e olhou para a mulher que falara com ele. Não era de todo a primeira vez que ele ouvia essa combinação de palavras, e a boca que as tinha proferido ostentava certamente silicone quanto bastasse para garantir um bom resultado. Mas não deixou de ser uma surpresa.

Candace Hanson sorriu-lhe e endireitou o chapéu Jackie O. com a mão de unhas arranjadas. Ao que parecia, ela decidira que a combinação de dama e rameira era atraente – e talvez para alguns homens fosse.

Que raios, numa outra altura da vida, seria provável que ele aceitasse a proposta, segundo a teoria do e-porque-não? Agora? Era mais um nem-por-isso.

Sem se deixar abater pela falta de entusiasmo de Manny, ela chegou-se à frente, mostrando-lhe um par de seios que não só desafiavam a gravidade, como a viravam do avesso, insultavam-lhe a mãe e mijavam-lhe nos sapatos.

– Sei onde podemos ir.

Apostava que sim.

– A corrida está quase a começar.

Candace fez beicinho. Ou talvez fosse mesmo assim que os lábios pós-injeção tinham ficado. Cristo, há uma década, provavelmente teria ficado renovada; agora, os anos concediam-lhe uma pátina de desespero – a par do normal processo de envelhecimento que ela combatia com a tenacidade de um pugilista.

– Então depois.

Manny não lhe deu resposta e desviou-se, sem saber ao certo como ela conseguira entrar na zona dos proprietários. Devia ter sido durante a pressa de voltar para ali, depois de os animais terem sido selados na baía – e não havia dúvida de que ela estaria habituada a entrar em sítios onde, para todos os efeitos, não seria autorizada a permanecer. Candace era uma daquelas melgas sociais de Manhattan que estavam a um chulo de distância de se tornarem prostitutas e, em muitos aspetos, ela era como qualquer outra vespa – se não ligássemos ao incómodo, acabava por ir pousar noutra sítio qualquer.

Ou, melhor dizendo, em qualquer outra pessoa.

Levantando o braço para a impedir de se aproximar mais, Manny inclinou-se sobre o parapeito do seu camarote de proprietário e esperou que a sua menina fosse levada para a pista. Encontrava-se no exterior, o que não era problema: ela preferia não estar no meio da confusão e andar mais um pouco nunca a incomodara.

O Aqueduct de Queens, Nova Iorque, não se encontrava ao nível de prestígio de Belmont ou Pimlico, nem do pai venerável de todos os hipódromos, Churchill Downs. Claro que também não era de se deitar fora. As instalações tinham praticamente três quilómetros de terra, e também uma pista de relva e outra mais curta. A capacidade total de espetadores andaria à volta dos noventa mil. A comida não era grande coisa, mas ninguém lá ia

para comer, e tinham lugar boas corridas, como a daquele dia: a Wood Memorial Stakes tinha um acumulado de prémios de \$750 000 e, como se realizava em abril, era um bom teste para os contendores da Triple Crown...

Ah, lá estava ela. Lá estava a sua menina.

Quando os olhos de Manny se prenderam a *GloryGloryHallelujah*, o barulho da multidão, a luz forte do dia e a linha ondulante dos outros cavalos desapareceram. Só via a sua magnífica poldra preta, com a pelagem a refletir a luz do sol e a cintilar, as pernas extremamente elegantes a fletirem-se, os cascos delicados a curvarem-se ao sair da terra da pista e depois a voltarem a assentar. Quase a dezassete mãos-travessas de altura, o jóquei parecia um mosquito enfezado às costas do animal, e tal diferença de tamanho era bem representativo da divisão de poder. Ela deixara-o bem claro logo a partir do início do treino: até podia tolerar os incómodos humanos, mas eles só lá estavam à boleia. Quem mandava era ela.

O temperamento algo controlador da égua já lhe custara dois treinadores. O terceiro que tinham agora? O tipo parecia um bocado frustrado, mas isso era apenas a sensação de controlo a ser escoiceada: os tempos de *Glory* eram espantosos – só não tinham nada que ver com ele. E Manny não se preocupava de todo com o ego inchado de homens que ganhavam a vida a mandar em cavalos. A menina dele era uma lutadora e sabia o que fazia, pelo que não tinha problemas em deixá-la à vontade e divertir-se a vê-la esmagar a competição.

Quando começou a segui-la com os olhos lembrou-se do papalvo a quem a comprara havia pouco mais de um ano. Tendo em conta a ascendência da égua, os vinte mil tinham sido uma pechincha mas, ao mesmo tempo, eram uma fortuna quando se pensava no temperamento e no facto de não ser claro se obtivera permissão para competir. Fora uma poldra ferosa à beira de ser retirada das corridas – ou pior, transformada em alimento para cão.

Mas ele estivera certo. Era uma égua espetacular, conquanto lhe dessem rédea livre e lhe permitissem dominar o espetáculo.

Quando o alinhamento se aproximou do portão, alguns dos cavalos começaram a bater as patas, mas a menina dele estava firme como uma rocha, como se soubesse como era inútil desperdiçar energia com aquelas tretas pré-corrída. Gostava também das probabilidades, apesar de estarem na linha da frente, pois o jóquei que ela tinha às costas era uma estrela: sabia exatamente como lidar com ela e, nesse aspeto, era mais responsável pelo êxito do que os treinadores. A filosofia que seguia com a égua era garantir que ela via o melhor percurso e depois deixá-la escolher e seguir em frente.

Manny levantou-se e agarrou o peitoril de ferro pintado que tinha à sua frente, juntando-se à multidão que se erguera dos lugares e levava aos olhos um sem fim de binóculos. Ficou satisfeito quando sentiu o coração aos pulos, pois salvo se estivesse no ginásio, nos últimos tempos era quase como se estivesse morto. Ao longo do último ano, a vida acarretara uma dormência terrível, e talvez em parte fosse por isso que aquela poldra era tão importante.

Talvez ele não tivesse mais nada além da égua.

Não que pretendesse ir por aí.

No portão tudo era acelerado: não se desperdiça tempo quando se enfiam nas minúsculas caixas metálicas quinze cavalos excitados com pernas como varas e glândulas suprarrenais a cuspir como morteiros. No espaço de um minuto, a pista foi fechada e os auxiliares corriam para as vedações.

Batimento cardíaco.

Sino.

Pum!

Os portões abriram-se, a multidão bradou e os cavalos saltaram em frente como se tivessem sido disparados de canhões. As condições estavam perfeitas. Seco. Fresco. Era uma corrida rápida.

Não que a menina dele se importasse. Se fosse preciso, corria em areias-movediças.

Os puros-sangues galopavam e o som coletivo dos cascos e o ritmo da voz locutor elevavam a energia nas bancadas a um nível extático. Manny, no entanto, permaneceu calmo, mantendo as mãos firmes no peitoril à sua frente e os olhos na pista, à medida que os animais faziam a primeira curva numa confusão de lombos e caudas.

O ecrã grande mostrava-lhe tudo o que precisava de ver. A sua poldra era a penúltima, com todos os animais a correrem desenfreados enquanto ela parecia trotar – que raios, nem tinha o pescoço estendido. Claro que o jóquei estava a desempenhar bem a sua tarefa, afastando-a da vedação, dando-lhe a opção de cavalgar pela zona externa da confusão, ou de a atravessar quando se sentisse pronta.

Manny sabia exatamente o que ela faria. Ia cortar por entre os outros cavalos como se fosse um buldózer.

Era assim que ela funcionava.

E, tal como esperado, quando surgiu a reta, ela começou a dar ares da sua graça. Baixou a cabeça, estendeu o pescoço e a passada começou a alargar-se.

– Assim é que é – murmurou Manny. – Vai-te a eles, menina.

Quando *Glory* entrou na pista atulhada transformou-se num raio a ultrapassar os outros corredores, com um rebentar de velocidade tão poderoso que se ficava com a noção de que fora propositado. Não bastava vencê-los a todos, tinha de ser feito nas últimas centenas de metros, arrasando os desgraçados no último momento.

Manny soltou um riso rouco. Ela era exatamente o seu tipo de mulher.

– Cristo, Manello, olha só para ela.

Manny assentiu sem olhar para o indivíduo que falara com ele, pois na frente do grupo desenrolava-se algo inusitado: o

potro à cabeça perdeu o ímpeto, ficando para trás à medida que as pernas perdiam a força. Em resposta, o jóquei incitou-o, vergastando-lhe o lombo – reação que deu tanto resultado como alguém a praguejar com um automóvel cujo depósito estivesse vazio. O potro em segundo lugar, um grande animal castanho com mau feitio e uma passada tão grande como um campo de futebol, aproveitou de imediato o abrandamento, com o jóquei a permitir que o cavalo tivesse toda a liberdade.

O par avançou taco a taco durante breves instantes, até que o cavalo castanho assumisse o controlo da corrida. Claro que isso não iria durar muito tempo. A menina de Manny escolheu o momento ideal para passar por entre um grupo de três animais e colar-se à traseira do líder como um autocolante.

Pois é, *Glory* estava como peixe na água, de orelhas coladas à cabeça e dentes arreganhados.

Ia dar cabo do desgraçado. E era impossível não extrapolar para o primeiro sábado de maio e o dérbi do Kentucky...

Tudo aconteceu muito depressa.

Chegou tudo ao fim... num abrir e fechar de olhos.

O potro foi contra *Glory* numa pancada lateral propositada, com o impacto a atirá-la contra o rail. A menina dele era grande e forte, mas não estava à altura de um embate como aquele, pelo menos quando seguia a mais de sessenta quilómetros por hora.

Durante uma fração de segundo, Manny ficou convencido de que ela seria capaz de recuperar. Apesar da forma como se desviara e atrapalhara, esperava que ela se equilibrasse e desse àquele sacana uma lição de boas maneiras.

O problema foi ter caído, mesmo à frente dos três cavalos que ultrapassara.

A carnificina foi imediata, com os cavalos a desviarem-se bruscamente para evitar o obstáculo que tinham pelo caminho, e os jóqueis a agarrarem-se com força às rédeas curtas na esperança de se manterem em cima das montadas.

Todos conseguiram. Exceto *Glory*.

Enquanto a multidão arquejava, Manny saltou do camarote e depois passou por cima de pessoas, cadeiras e barricadas até chegar à pista.

Por cima do rail, para a terra.

Correu até ela, com os anos de atletismo a levarem-no a uma velocidade vertiginosa em direção ao espetáculo devastador.

Estava a tentar levantar-se. Louvado fosse o seu enorme coração destemido, estava a debater-se para se levantar da terra, com os olhos fitos no grupo de corredores, como se ela se estivesse borrifando para o facto de estar ferida; só queria apanhar os que a tinham deixado ficar para trás.

Tragicamente, a pata dianteira tinha outros planos: enquanto se debatia, essa direita anterior contorceu-se abaixo do joelho, e Manny não precisou dos seus anos enquanto cirurgião ortopédico para perceber que ela estava em sarilhos.

Grandes sarilhos.

Quando se aproximou da égua, o jóquei estava lavado em lágrimas.

- Doutor Manello, eu tentei... ai, meu Deus...

Manny travou na lama e procurou-lhe as rédeas enquanto os veterinários se aproximavam e se erguia um biombo à volta do drama.

Quando os três homens de trajas oficiais se chegaram à pol-dra, os olhos dela ficaram desvairados de dor e confusão. Manny fez o que pôde para a acalmar, permitindo-lhe que agitasse a cabeça quanto quisesse enquanto lhe afagava o pescoço. E a égua acalmou-se quando lhe deram um tranquilizante.

Pelo menos, o coxear desesperado parou.

O veterinário olhou para a perna e abanou a cabeça, algo que no mundo das corridas de cavalos significava: *ela tem de ser abatida*.

Manny aproximou-se do rosto do indivíduo.

- Nem pense nisso. Estabilize a fratura e leve-a já para o Tricounty. Percebeu?

- Ela nunca mais vai voltar a correr... isto parece uma fratura mul...

- Tire a porra do meu cavalo desta pista e leve-o para o Tricounty...

- Ela não vale...

Manny agarrou com força a frente do casaco do veterinário e puxou o senhor Facilidades até estarem de nariz praticamente colado.

- *Faça o que eu disse. Já.* - Seguiu-se um momento de incompreensão total, como se o monte de esterco não soubesse o que era ser agarrado à bruta. E, para que não houvesse lugar a mal-entendidos, Manny rosnou: - Não a vou perder... mas não tenho problema nenhum em dar cabo de si. Aqui mesmo. Neste momento.

O veterinário recuou, como se soubesse que se arriscava a ser socado.

- Está bem... está bem.

Manny não ia perder o cavalo. Passara os últimos doze meses a chorar a única mulher de quem gostara, a pôr em causa a sua sanidade e a beber uísque, embora sempre tivesse detestado a bebida.

Se agora perdesse a *Glory*... não lhe sobrava grande coisa na vida, pois não?

Capítulo 2



CALDWELL, NOVA IORQUE
CENTRO DE TREINO, COMPLEXO DA IRMANDADE

*P*orra... de Bic... monte de merda...
Vishous encontrava-se no corredor da clínica da Irmandade, com um cigarro feito à mão nos lábios e um polegar que estava a fazer um exercício desgraçado. No entanto, por mais vezes que esfregasse a pequena roda do isqueiro, não conseguia desencantar uma chama.

Chic. Chic. Chic...

Atirou a porcaria para o caixote do lixo com uma repulsa tremenda e procurou a luva forrada a chumbo que lhe cobria a mão. Depois de arrancar o cabedal, fitou a palma brilhante, fletindo os dedos e dobrando-a pelo pulso.

A coisa era parte lança-chamas e parte bomba nuclear, capaz de derreter qualquer metal, de transformar pedra em vidro e de fazer churrasco de qualquer avião, comboio ou automóvel. Era também o motivo pelo qual podia fazer amor com a sua *shellan*, e um dos dois legados que a deidade que era a sua mãe lhe dera.

Ah, e a treta da segunda visão era tão divertida como aquela coisa da mão-da-morte.

Aproximou a arma mortífera do rosto e deixou o cigarro enrolado à mão na vizinhança, mas não demasiado perto, caso contrário imolaria o sistema de transmissão de nicotina e teria de perder tempo a enrolar outro. Isso era algo para o qual não tinha paciência num dia bom, e muito menos numa altura daquelas...

Ah, que maravilha de inalação.

Encostando-se à parede, firmou as botas no linóleo e fumou. O prego para o caixão não lhe ajudava a melhorar o estado de espírito, mas sempre ficava com alguma coisa que fazer que era melhor do que a opção que lhe percorrera a mente durante as últimas duas horas. Voltou a calçar a luva, sempre com vontade de pegar na sua «dádiva» e ir queimar alguma coisa, fosse o que fosse...

Estaria mesmo a sua irmã gémea no outro lado da parede? Deitada numa cama de hospital... paralisada?

Cristo... ter trezentos anos e descobrir que se tem uma irmã.

Bem jogado, mãe. Bem jogado como o caraças.

E pensar que havia resolvido todos os problemas que tinha com os pais... Claro que só um deles estava morto. Se a Virgem Escrivã seguisse o exemplo do Derramador de Sangue e batesse a bota, talvez ele conseguisse equilibrar-se.

No entanto, da maneira que as coisas estavam agora, com aquele exclusivo de jornal sensacionalista, a par da caça aos gambozinos que a sua Jane levava a cabo sozinha no mundo dos humanos, tudo isso estava a deixá-lo...

Pois, nem sequer tinha palavras.

Tirou o telemóvel. Confirmou-o. Voltou a guardá-lo no bolso das calças de cabedal.

Raios partam, era tão típico. Jane concentrava-se em qualquer coisa e pronto. Nada mais interessava.

Não que ele fosse diferente, mas em alturas como aquelas, uma atualização quanto ao que se passava seria bem-vinda.

Maldito Sol, que o aprisionava dentro de quatro paredes. Se pelo menos estivesse com a sua *shellan*, «o grande» Manuel Manello não teria hipótese de se armar em mete-nojo e recusar-se a ajudar. V limitar-se-ia a apagar o desgraçado, enfiar o corpo no *Escalade* e regressar para ali com as tais mãos famosas para que operasse Payne.

Para ele, o livre arbítrio era um privilégio e não um direito.

Quando chegou ao fim do cigarro apagou-o na sola da bota e atirou a beata para o balde do lixo. Queria muito uma bebida – mas nada de refrigerantes ou de água. Meia caixa de *Grey Goose* talvez ajudasse, mas com um pouco de sorte em breve estaria na sala de operações, pelo que tinha de ficar sóbrio.

Ao entrar na sala de observações, ficou com os ombros rígidos, cerrou os molares e, por uma fração de segundo, pensou não ser capaz de aguentar mais. Se havia coisa que garantidamente o deixava furibundo era ter a mãe a fazer mais uma gracinha, e seria difícil bater aquela suprema das mentiras.

O problema era que a vida não vinha com um sistema de «tilt» incluído para parar a diversão quando a máquina de *flippers* se começava a passar.

– Vishous?

Ao ouvir a voz gentil e baixa, V fechou brevemente os olhos.

– Sim, Payne – concluiu, mudando para a língua antiga: – *Sou eu.*

Dirigiu-se ao centro da sala e voltou a ocupar o seu lugar no banco ao lado da maca. Deitada por baixo de uma série de cobertores, Payne estava imobilizada, com a cabeça fixa por blocos laterais e um colarinho desde o queixo à clavícula. Um tubo ligava-lhe o braço a um saco pendurado num poste de aço inoxidável e havia tubagens inseridas no cateter que Ehlena lhe introduzira.

Mesmo sendo a sala forrada a azulejos, clara, limpa e brilhante, e os equipamentos e produtos clínicos tão ameaçadores

como canecas e pires numa cozinha, ele sentia-se como se estivessem numa caverna húmida, cercados por ursos.

Seria muito melhor se pudesse matar o cabrão que deixara a sua irmã naquele estado. O problema era... que isso significava que teria de eliminar Wrath, e tal morte faria furor. Esse sacana enorme não só era o rei como também era um irmão... e além disso, o que a levava àquele sítio, naquela situação, tinha sido consensual. As sessões de combate entre os dois duravam há dois meses e mantinham ambos em forma – era óbvio que Wrath não fazia ideia da pessoa com quem lutava, pois o macho era cego. O facto de ser uma fêmea? Ora. Tudo acontecera no Outro Lado, e aí não havia machos. Mas a falta de visão do rei fizera com que não se apercebesse daquilo que V e todos os outros fitavam assim que entravam naquela sala: a comprida trança de Payne era da cor exata do cabelo de V, a pele era do mesmo tom da dele, e tinha uma constituição física idêntica, alta, magra e forte. Mas os olhos... porra, os olhos.

V esfregou o rosto. O pai deles, o Derramador de Sangue, tinha tido inúmeras bastardas antes de ter sido morto durante uma escaramuça com minguanes, no País Antigo. Claro que V nem sequer pensava em qualquer dessas relações aleatórias com fêmeas.

Payne era diferente. Tinham a mesma mãe, e não era uma qualquer *mahmen*. Era a Virgem Escrivã. A derradeira mãe da raça.

Uma cabra, a bem da verdade.

O olhar de Payne desviou-se para ele e V sentiu um aperto na garganta. As íris que se cruzaram com as suas eram de um branco gelo, tal como as dele, e a orla azul-escura à volta delas era algo que via todas as noites ao espelho. E a inteligência... a esperteza que corria naquelas profundezas árticas era exatamente igual à que tinha por baixo da sua cúpula óssea.

– *Não sinto nada* – disse Payne.

– Eu sei. – V abanou a cabeça e repetiu: – *Eu sei.*

A boca dela contorceu-se, como se em outras circunstâncias pudesse ter sorrido.

– Podes falar na língua que desejares – informou ela num inglês carregado. – Sou fluente em... muitas. – Ele também. O que o deixava incapaz de formular uma resposta em dezasseis línguas diferentes. Que bom para ele. – Soubeste alguma coisa... da tua *shellan*? – perguntou ela, num tom entrecortado.

– Não. Queres mais alguma coisa para as dores? – Parecia mais fraca do que quando V saíra.

– Não, obrigada. Elas fazem-me sentir... estranha.

Seguiu-se um longo silêncio.

Que se prolongou.

E ainda mais.

Cristo, talvez devesse segurar-lhe a mão – afinal de contas, ela ainda sentia acima da cintura. Pois, mas o que poderia ele oferecer-lhe no que dizia respeito a mãos? A esquerda estava a tremer e a direita era mortífera.

– Vishous, o tempo não está...

A frase da gémea perdeu-se e V concluiu-a na sua mente, *do nosso lado.*

Meu, quem lhe dera que ela estivesse errada. Claro que no que dizia respeito a lesões na espinal-medula, tal como acontecia no caso de apoplexias e ataques cardíacos, as oportunidades iam-se perdendo a cada minuto que o paciente passava sem tratamento.

Era bom que o tal humano fosse tão brilhante como Jane afirmava.

– Vishous?

– Sim?

– Desejavas que eu não tivesse vindo?

V franziu o cenho.

– O que estás para aí a dizer? É claro que te quero comigo.

V começou a bater o pé enquanto se interrogava quanto tempo teria de ficar ali antes de poder sair para fumar mais um cigarro. Não era capaz de respirar ali sentado, impotente enquanto a irmã sofria, o que lhe atulhou o cérebro de questões. Tinha dez mil interrogações às voltas na cabeça, mas não podia perguntar. A dor parecia deixar Payne à beira do coma a qualquer momento, pelo que não era de todo altura para dar início a uma amena cavaqueira.

Porra, os vampiros podiam curar-se com a velocidade do pensamento, mas não eram, de todo, imortais.

Podia perfeitamente ficar sem a irmã, antes mesmo de a começar a conhecer.

Tendo isso em mente, confirmou os sinais vitais no monitor. A raça tinha uma pressão arterial muito baixa, mas a dela estava perto de ser inexistente. O ritmo cardíaco era lento e irregular, qual secção rítmica composta por meninos brancos. E o sensor de oxigénio teve de ser silenciado, pois o alarme estivera a disparar continuamente.

Quando ela fechou os olhos, V receou que fosse pela última vez. E o que tinha feito por ela? Nada, além de lhe gritar quando ela lhe fizera uma pergunta.

Inclinou-se, sentindo-se um palerma.

- Tens de te aguentar, Payne. Vou conseguir aquilo de que precisas, mas tens de te aguentar.

As pálpebras da gémea abriram-se e Payne olhou-o a partir da sua cabeça imobilizada.

- Vim trazer demasiado para a tua casa.

- Não te preocupes comigo.

- Nunca fiz outra coisa.

V voltou a franzir o sobrolho. Tornava-se óbvio de que aquela história de irmão/irmã só era novidade para ele, e não pôde deixar de se interrogar como raios ela ficara a saber da sua existência.

E o que sabia.

Porra, mais uma oportunidade para desejar não ser nada de especial.

– Estás muito seguro quanto a esse curandeiro que procuras – balbuciou Payne.

Ah, nem por isso. A única certeza que tinha era que se o desgraçado a matasse, naquela noite ia haver um funeral duplo – isso, partindo do princípio de que restaria alguma coisa do humano para enterrar ou para queimar.

– Vishous?

– A minha *shellan* confia nele.

Os olhos de Payne viraram-se para cima e aí permaneceram. Estaria a olhar para o teto?, interrogou-se. Para a lâmpada de observação por cima dela? Para alguma coisa que ele não era capaz de ver?

– Pergunta-me quanto tempo passei à sombra da nossa mãe – acabou por dizer.

– De certeza que tens força para isso? – V teve vontade de sorrir quando a única resposta que obteve foi um olhar furioso.

– Quanto tempo?

– Em que ano se está aqui na Terra? – Arregalou os olhos quando V lhe respondeu. – Deveras? Bem, foram centenas de anos. A nossa *mahmen* manteve-me presa durante... centenas de anos de vida.

Vishous sentiu a ponta das presas a formigarem de raiva. Aquela mãe deles... já devia saber que a paz que encontrara com a fêmea não iria durar muito.

– Agora estás livre.

– Estarei? – Olhou na direção das pernas. – Não posso viver em mais uma prisão.

– Não vai acontecer.

O olhar gelado endureceu.

– Não posso viver assim. Compreendes o que te estou a dizer?

V sentiu o interior do corpo a gelar.

– Escuta, vamos trazer aqui o tal médico e...

– Vishous – atalhou Payne, num tom rouco. – Por minha fé, eu própria o faria, se pudesse, mas não posso, e não tenho mais ninguém a quem recorrer. Compreendes-me?

Teve vontade de gritar quando cruzou o olhar com o dela. Sentiu um nó no estômago e o suor a rebentar-lhe na testa. Era um assassino por natureza e por formação, mas tal competência não era algo que pretendesse usar em alguém do seu sangue. Bom, à exceção da mãe, claro. Talvez o pai, mas esse tinha morrido sozinho.

Pronto, correção: não era algo que alguma vez usasse contra a sua *irmã*.

– Vishous. Tu...

– Sim. – Olhou para a malfadada mão. – Eu compreendi.

Bem por baixo da sua pele, no seu âmago, a corda interior começou a vibrar. Era o tipo de coisa com que passara grande parte da vida familiarizado – e era também um choque profundo. Não tinha essa sensação desde que Jane e Butch lhe tinham aparecido, e senti-la a regressar era... mais uma dose de Grande Porra.

No passado, isso fizera-o descarrilar à grande, entrando no mundo do sexo masoquista e das ações arriscadas e extremas. Num abrir e fechar de olhos.

A voz de Payne soava esganiçada.

– E o que me dizes?

Raios o partam, tinha acabado de a conhecer.

– Sim. – Fletiu mais uma vez a mão mortífera. – Eu trato de ti. Se chegarmos a esse ponto.

Quando Payne olhou para cima na prisão que era o seu corpo imóvel, só conseguiu ver o perfil sombrio do gémeo e desprezou-se pela posição em que o colocara. Desde que chegara àquele lado que tentava descortinar outro rumo, outra opção... qualquer coisa.

Mas aquilo de que precisava era algo que nunca poderia solicitar a um estranho.

Claro que ele não deixava de ser um estranho.

– Obrigada – agradeceu. – Meu irmão.

Vishous limitou-se a assentir uma única vez e continuou a olhar em frente. Pessoalmente era muito mais do que a soma das feições e do tamanho impressionante do corpo. Antes de ter sido aprisionada pela *mahmen* deles, Payne desde há muito o observava nas taças sagradas de visão das Escolhidas, e sabia o que ele lhe era desde que pela primeira vez aparecera na água rasa – bastara-lhe olhá-lo para se ver a si própria.

Que vida ele tivera, começando pelo acampamento de guerra e pela brutalidade do pai deles... e agora isto.

E, por baixo da aparência fria, ele fervia de fúria. Payne sentia-o nos ossos, havendo uma qualquer ligação entre os dois que lhe dizia mais do que os olhos lhe transmitiam: à superfície era firme como uma parede, com todos os elementos que o constituíam dispostos numa ordem precisa e cimentados no lugar correto. No entanto, por baixo da pele ele fervia... e o indício externo que transparecia encontrava-se na mão direita enluvada. Por baixo do punho brilhava uma luz forte... que se ia tornando cada vez mais forte. Especialmente depois de lhe ter feito o seu pedido.

Apercebeu-se de que aquele poderia ser o último momento juntos e voltou a mover o olhar.

– Estás acasalado com a fêmea curandeira? – murmurou ela.

– Sim.

No silêncio que se seguiu, ela desejou poder manter a troca, mas era óbvio que ele só respondia por mera cortesia. Mesmo assim, acreditava no que ele lhe dissera, que estava satisfeito por ali ter chegado. Não lhe parecia alguém capaz de mentir – não por se preocupar com a moralidade ou com a educação, mas antes por considerar tal esforço um desperdício de tempo e de propensão.

Payne devolveu o olhar ao anel de fogo brilhante que ardia por cima de si. Gostaria que ele lhe desse a mão, ou que lhe tocasse de alguma forma, mas já lhe pedira demasiado.

Ali deitada naquela plataforma ambulante, o corpo parecia-lhe anómalo, a um tempo pesado e sem peso, e agarrava-se à esperança que eram os espasmos que lhe percorriam as pernas e faziam formigar os pés, levando-os a contorcerem-se. Se isso acontecia, talvez nem tudo estivesse perdido, dizia para consigo.

No entanto, enquanto procurava o abrigo proporcionado por essa ideia, uma parte ínfima e discreta da sua mente dizia-lhe que o telhado cognitivo que tentava construir não suportaria a tormenta que pairava sobre o que lhe restava da vida. Embora não as pudesse ver, quando movia as mãos sentia as cobertas frias e macias, e o gelo quase húmido da mesa em cima da qual se encontrava. No entanto, quando ordenava aos pés que fizessem o mesmo... era como se estivesse nas águas serenas e tépidas das piscinas do Outro Lado, encasulada num abraço invisível, sem nada sentir contra si.

Onde estaria o curandeiro?

O tempo... estava a passar.

Quando a espera passou de intolerável a pura e simplesmente agonizante, deixou de conseguir perceber se a sensação de garganta embargada se devia ao seu estado ou ao silêncio daquela sala. Por sua fé, tanto ela como o gémeo tinham mergulhado na imobilidade, embora por dois motivos díspares. Ela não tinha como ir para lado nenhum. Ele estava à beira de uma explosão.

– Fala-me sobre o curandeiro que aí vem – pediu num murmúrio, desesperada por algum estímulo, algo... qualquer coisa.

A brisa fresca que lhe afagou o rosto e o aroma de especiarias que lhe violou as narinas confirmaram-lhe que se tratava de um macho. Tinha de ser.

– É o melhor – resmungou Vishous. – A Jane sempre falou dele como se fosse uma espécie de deus.

O tom não era de todo elogioso, mas era verdade que os vampiros machos não apreciavam que outros rondassem as suas fêmeas.

Quem seria, no seio da raça? interrogou-se. O único curandeiro que Payne vira nas taças fora Havers, e por certo não haveria a necessidade de o procurar.

Talvez existisse mais algum que ela não observara. Afinal de contas, ela não dedicara muito tempo a inteirar-se do que se passara no mundo e, segundo o gémeo, tinham decorrido muitos, muitos, muitos anos entre o seu confinamento e a sua liberdade, por assim dizer...

A exaustão atalhou-lhe os pensamentos numa onda súbita que lhe chegou ao âmago e a pressionou ainda mais contra a mesa metálica.

No entanto, quando fechou os olhos só conseguiu suportar a escuridão por um instante, até que o pânico lhe fez abrir as pálpebras. Quando a mãe a detivera em animação suspensa tivera perfeita consciência do vazio ilimitado que a circundava e da penosamente lenta passagem dos momentos e dos minutos. A paralisia atual era demasiado semelhante ao que sofrera durante séculos.

Era esse o motivo do terrível pedido que fizera a Vishous. Não podia chegar àquele lado apenas para replicar aquilo de que pretendia fugir com tamanho desespero.

As lágrimas toldaram-lhe a visão, fazendo estremecer a brilhante fonte de luz.

Como desejava que o irmão lhe desse a mão.

- Por favor, não chores - disse Vishous. - Não... chores.

A bem da verdade, o facto de ele ter notado surpreendera-a.

- Por minha fé, estás correto. Chorar nada resolve.

Decidida, obrigou-se a ser forte, mas era uma batalha tremenda. Embora o seu conhecimento das artes da medicina fosse limitado, a lógica mostrava-lhe aquilo que enfrentava. Tendo

uma ascendência extraordinariamente forte, o corpo dera início à reparação assim que fora lesionada durante o combate com o Rei Cego. Contudo, o grande problema era que o processo regenerativo, que em situações normais lhe salvaria a vida, estava a tornar a sua condição ainda mais delicada – e provavelmente permanente.

As colunas fraturadas que se remendavam sozinhas não poderiam alcançar um resultado correto, algo tornado óbvio pela paralisia das pernas.

– Porque estás sempre a observar a tua mão? – perguntou, sempre a olhar para a luz.

Seguiu-se um momento de silêncio, a juntar-se a todos os outros.

– Porque é que achas que o estou a fazer?

Payne suspirou.

– Porque te conheço, meu irmão. Sei tudo acerca de ti.

Não tendo mais palavras do irmão, o silêncio tornou-se tão agradável como as inquirições do País Antigo.

Ah, o que desencadeara ela?

E onde estariam quando tudo chegasse ao fim?